

## **A REINVENÇÃO DA TRADIÇÃO: a literatura de cordel no século XXI**

Éverton Diego S. R. Santos\*

*a poesia está morta, mas juro que não fui eu.  
José Paulo Paes*

A Literatura de Cordel é uma tradição brasileira, com sua produção originalmente concentrada na região nordeste. De suas controversas origens, é de comum acordo entre os pesquisadores e cordelistas que suas raízes, ao menos no que diz respeito à forma editorial, são europeias, mais especificamente portuguesas, trazidas para o que hoje se conhece por Brasil nos navios dos colonizadores.

Em Portugal, assim como em vários países da Europa, grandes obras literárias e outras produções de gosto popular eram impressas em um formato mais barato do que o dos livros convencionais, os chamados folhetos de cordel. Esses folhetos eram compostos de pequenas páginas de papel barato, impressos de forma artesanal, na maioria dos casos por meio da gravura, e em geral comercializados dependurados sobre cordas ou cordéis. Alguns desses folhetos tiveram grande popularidade no Brasil do novecentos:

Na zona rural, eram apreciados em engenhos, pequenas propriedades e em fazendas de gado, não só pelos trabalhadores mas também pelos proprietários das terras que patrocinavam a cantoria e liam – ou escutavam ler – as histórias. Distinções clássicas entre campo e cidade, cultura popular e cultura de elite parecem diluir-se perante os folhetos. No início do século, as diferenças entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste e, embora poetas e leitores pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da elite econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer<sup>1</sup>.

Na região nordeste do Brasil, as cantorias de boi e as grandes pelejas – desafios entre cantadores que consistiam na provocação mútua através da rima improvisada –

---

\* Mestrando em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí, membro do grupo de pesquisa Ensino, Memória e Patrimônio Cultural, com registro no CNPq.

<sup>1</sup>ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 95.

passaram a ser impressas nesse mesmo formato a partir do século XIX, devido à simplicidade e ao baixo custo de produção dos folhetos. Dessas cantorias, criou-se uma modalidade nova e singular de literatura, a poesia popular ou poesia de cordel. Muito apreciada nas fazendas, as poesias eram decoradas e transmitidas oralmente, a fácil memorização tornou-se uma das características desse tipo de poemas devido à pequena quantidade de pessoas alfabetizadas no nordeste agrário dos séculos XVIII e XIX.

A Literatura de Cordel chegou ao século XX com *status* de tradição; a produção já era desde então bastante vasta, algumas pejejas – como são chamados os duelos entre poetas, na forma de *repente*, o verso improvisado durante as apresentações – eram famosas e grande era o número de cantadores e repentistas. A produção e circulação dos *romances*, como eram chamados no interior do Piauí os folhetos de cordel era então muito ampla. No nordeste agrário, esses romances eram uma forma apreciada de diversão coletiva como narra o poeta Pedro Costa:

[...] e era diversão, rapaz, a gente comprava o romance e ia pra casa e reunia as vizinhanças e lia aquele romance, como que hoje a gente senta na sala pra assistir novela todo dia, e a gente sentava, o pessoal se reunia pra gente cantar o romance novo que tinha comprado na feira, então, era uma coisa<sup>2</sup>...

Entretanto, segundo informa o poeta cordelista Pedro Mendes Ribeiro, o Cordel sofreu, na segunda metade do século XX, um processo de desvalorização e a gradual extinção de sua produção e circulação. O advento de diversões modernas, como a televisão e o rádio, teria substituído a prática de reunir-se para ler um romance:

A morte da Literatura de Cordel, ela é natural, é um processo de aculturação, vem a televisão, vem o rádio, vem o jornal [...] a juventude sempre quer as coisas mais novas, e aí deixaram de fazer as cantorias, deixaram de realizar os festivais, deixaram de imprimir os... [força a memória] os discos na época, deixaram de publicar os folhetos, e ela foi se acabando, foi se acabando, morreu no mundo inteiro[...]<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> COSTA, Pedro Nonato da. Entrevista concedida a Éverton Diego Soares Ribeiro Santos, Teresina: 2010.

<sup>3</sup> RIBEIRO, Pedro Mendes. Entrevista concedida a Éverton Diego Soares Ribeiro Santos, Teresina: 2010.

Por sua vez, Pedro Costa não percebe na modernidade um empecilho à produção e circulação do cordel, mas antes um elemento incentivador da maior qualidade na produção, pois faria com que os melhores se sobressaíssem:

O rádio contribuiu para o crescimento, como a televisão contribui, a internet contribui pra você ser conhecido nacional ou no mundo todo hoje. A versão é que eles tiveram medo, acharam que era um bicho-papão, e nem todo mundo tinha direito ao rádio, como que [...] só ficam os bons, é uma classificação, é como colocar na peneira, o [...] pra sair só os melhores. Ficam só os bons. Então, quem passou a ter programa de rádio, passou a ser mais solicitado, claro que aquele que não tinha mesmo talento, ficava ali, porque o rádio, a comunicação ela assim, ela promove quem tem talento e quem não tem ela tira do meio<sup>4</sup>.

O primeiro entrevistado, Pedro Mendes, se refere a uma morte da Literatura de Cordel, iniciada por volta dos anos 1970, uma “morte natural”, proveniente do advento e da popularização de diversões e mídias modernas como o rádio e a televisão. A modernidade e o novo, inimigos das tradições, teriam vencido completamente a poesia matuta dos caboclos do sertão, extinguindo sua produção, dominando todos os seus espaços de circulação. As antigas rodas, reuniões de pessoas para ouvir alguém que tinha de cor um folheto ou *romance* não seriam mais realizadas. As novas diversões como as rádios em amplitude modulada – AM – e telenovelas apresentar-se-iam ao antigo público do cordel como muito mais interessantes, símbolos do progresso e da modernização.

Embora com opiniões contrárias, os dois poetas apontam para um caminho que esclarece a perspectiva da necessidade de reinvenção da Literatura de Cordel. As diversões modernas tornaram necessária uma adaptação por parte dos cordelistas, se quiserem sobreviver no novo mundo. Essa visão é comum aos dois entrevistados quando falam do “progresso natural” pelo qual passaria a sociedade, com o surgimento do novo. Para Pedro Costa as novas tecnologias de comunicação, ao invés de suplantar a produção do cordel, teriam impulsionado os cordelistas ou cantadores com talento para adaptar-se às novas mídias. Essa análise, de uma perspectiva evolucionista, embora contrarie a versão do poeta Pedro Mendes tem em comum a ideia de adaptação ao novo,

---

<sup>4</sup> COSTA, Pedro Nonato. op. cit.

para a qual é preciso ter a capacidade de reinventar-se, como se nota no trecho a seguir, extraído da entrevista realizada com Pedro Mendes, sobre a perda de espaço que a literatura de cordel, por seu caráter tradicional, teria sofrido na segunda metade do século XX:

Não, na verdade, a gente não pode dizer assim ‘perdendo espaço’, o que aconteceu é o que acontece normalmente na vida do desenvolvimento e do progresso. Você não quer mais uma televisão preto e branco pra sua casa, você quer? Não quer. Agora você quer essas modernas que tem aí, 49 polegadas, por quê? Porque você vê melhor. Já essa digital, TV digital, em que as imagens são mais perfeitas. Então é uma adaptação natural do homem ao desenvolvimento<sup>5</sup>.

É possível compreender, portanto, porque Pedro Mendes refere-se a uma “morte” da poesia de cordel. Não é o gênero literário que desaparece em si, mas a forma de recepção, de consumo que se modifica. A prática da leitura coletiva, por exemplo, desaparece. Nesse sentido, Pedro Costa parece também compreender essas mudanças quando fala da “peneira” em que só ficam os bons, refere-se à capacidade de adaptar-se. De o poeta cordelista reinventar a sua produção, seja com uma nova linguagem, seja com temas atualizados, com novas mídias. Essa adaptação ao desenvolvimento na literatura de cordel é o que podemos chamar de reinvenção da tradição, baseados na discussão de Eric J. Hobsbawm:

Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a ‘invenção da tradição’ um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea<sup>6</sup>.

Hobsbawm analisa a invenção de tradições como algo que forja uma relação com o passado para legitimar-se no presente. Especificamente com a literatura de cordel, o fenômeno acontece de maneira diferente nas duas últimas décadas. Esse tipo de

---

<sup>5</sup> RIBEIRO, Pedro Mendes. op. cit.

<sup>6</sup> HOBBSAWN, Eric J. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

literatura é reconhecido como tradicional desde meados do século XX, portanto não se trata de uma invenção, mas de uma recriação de uma tradição já existente para adaptar-se a uma nova situação: O tempo presente, marcado pela ruptura com as tradições e a memória.

Desse modo, ao invés de buscar estabelecer uma relação artificial com o passado, os cordelistas – embora haja aqueles que resistem – percebem a necessidade de romper de certa maneira com suas raízes tradicionais, diretamente ligadas ao campo e à tradição oral. Numa perspectiva que reconhece e se submete à força do moderno como forma de sobrevivência.

As afirmações dos dois poetas encontram-se no sentido progressista [parecem acreditar num progresso linear de uma sociedade que evolui com o tempo], embora os dois defendam pontos de vista divergentes sobre seu ofício. Pedro Mendes Ribeiro é defensor de uma poesia mais ligada às cantorias, à força da oralidade. Ex-professor universitário, o senhor Pedro Mendes defende a evolução da literatura atendendo às demandas do público, seja na adequação de temas, seja no próprio vocabulário e ortografia: “hoje ninguém quer mais ouvir o poema matuto, ninguém quer mais ouvir ninguém ‘prumode’, ‘vosmicê’, não se diz mais isso<sup>7</sup>.” Embora afirme que a grande singularidade da poesia de cordel é poder ser compreendida pelo douto e pelo “ignorante”, Pedro Mendes reconhece que mudanças são necessárias, graças ao “progresso”.

Por outro lado, Pedro Costa defende que a literatura de cordel, embora ligada às cantorias de repente em sua origem, assumiu uma forma totalmente distinta da cantoria, aproximando-se de outros gêneros literários. Fato notável na composição de sua revista *De Repente*, que embora com um título que remeta ao repente, à cantoria, abriu-se a outras formas literárias, inclusive aos textos acadêmicos. Para Pedro Costa poesia de cordel e cantoria de viola são distantes: “Olha, nunca se uniram bem não. Nunca teve, assim, uma aproximação. A maioria dos cordelistas não são cantadores e a maioria [...] e poucos cantadores são cordelistas<sup>8</sup>.”

A adaptação não caracteriza também uma completa ruptura com a tradição existente. Os aspectos formais, como as divisões métricas e quantidades de verso por

---

<sup>7</sup> RIBEIRO, Pedro Mendes. op. cit.

<sup>8</sup> COSTA, Pedro Nonato. op. cit.

estrofe em cada modalidade, a linguagem acessível e musicalizada são características que permanecem nos folhetos contemporâneos. Se alguns vocábulos “matutos” tradicionais não têm mais público, como afirma Pedro Mendes, é porque a linguagem matuta modificou-se com o tempo, não porque o cordel tenha deixado de atender a este tipo de público.

O público tradicionalmente consumidor do cordel é a população de um nordeste rural. Alguns estudiosos da literatura de cordel<sup>9</sup> concordam que a leitura dos folhetos seria uma leitura coletiva mediada por alguém que lê em voz alta. Uma experiência que se dava em dois lugares sociais. Maria do Rosário Silva assim distingue:

Primeiro nas feiras livres, que serviriam como palco para que autores e vendedores lessem, explicassem e vendessem suas produções de folhetos. Segundo, no seio das famílias, feito por alguém familiarizado com o mundo letrado. Essa leitura teria duas funções principais: informar e divertir<sup>10</sup>.

É necessário ainda ponderar outros aspectos quanto à perspectiva que pensa a influência da modernidade na literatura de cordel. Sabe-se que as mudanças históricas – em quase sua totalidade, salvo em casos de catástrofes naturais ou humanas – se dão de maneira lenta e progressiva. É sensato considerar que os indivíduos não são tocados homogeneamente por uma nova tecnologia. A eletricidade, por exemplo, não chegou, até a contemporaneidade, a diversos lugares pelo país, muitas comunidades e famílias da zona rural permanecem sem o contato com essas tecnologias. Portanto, é compreensível que a Literatura de Cordel, na maneira tradicional de sua produção e consumo, haja perdido espaço, sobretudo, nas cidades, mas não se pode considerar o completo desaparecimento da antiga forma de se ler, escrever e fazer circular o cordel.

Exemplo de certa continuidade da tradição – ou seja, de que ao reinventar-se o cordel não rompe com suas origens – é que um grande número de poemas escritos na referida época da chegada do rádio e televisão, ou muito antes, nos idos de mil e novecentos, sejam ainda conhecidos e transmitidos, seja pela tradição oral, seja pelos folhetos impressos, em ampla circulação nas grandes cidades. O próprio Pedro Mendes refere-se e até recita alguns trechos de folhetos de cordel do início dos anos mil e

---

<sup>9</sup> Ver: ABREU, 1999 e GALVÃO, 2006.

<sup>10</sup> SILVA, Maria do Rosário da. *Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel*. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). – Universidade Federal do Piauí. CCHL. História. 2008. p.119

novecentos, alguns com cronologia imprecisa, por fazerem parte de um repertório tradicional do cordel, memória transferida sem origem definida:

[...] menina case comigo, você não morre de fome  
lá em casa tem uma pinta e eu mato e você come  
de dia ocê come a pinta, de noite a pinta lhe come  
êê gado manso!<sup>11</sup>

O trecho cantado pelo poeta é um *aboio*, os *aboios* servem para os vaqueiros guiarem o gado em viagens e à procura de pastos, segundo o entrevistado, seriam originados antes de Cristo. A associação de Pedro Mendes é baseada no Antigo Testamento, onde as sociedades retratadas são essencialmente agrárias e pastoris. Embora não seja uma referência direta do poeta, é possível perceber tal associação considerando-se a forte tradição cristã no nordeste brasileiro, que traz diversos aspectos de sua cultura fundados em passagens bíblicas ou em festas religiosas<sup>12</sup>. A linguagem e mesmo o caráter irreverente desse *aboio* remetem de maneira mais clara à linguagem e ao cotidiano da vida nas fazendas de gado nordestinas, origem mais provável da canção.

Para perceber o fenômeno da reinvenção da tradição na literatura de cordel é necessário compreender as motivações que levaram os poetas a adotarem essas mudanças de maneira quase instintiva, sem a elaboração de um plano para tal. O tempo presente se caracteriza pela ruptura constante com a memória, no entanto, paradoxalmente, a busca pela memória cresce proporcionalmente: o regime de historicidade ocidental contemporâneo caracteriza sociedades “onde se vive ente a amnésia e a vontade de nada esquecer”<sup>13</sup>. Estabelecendo um diálogo entre Hartog e Hobsbawm, compreende-se que uma tradição pode ser forjada, ou seja, consciente ou inconscientemente ligada ao passado para atender a uma necessidade de afirmação de uma memória coletiva. No caso da Literatura de cordel, criou-se uma identidade sertaneja, que reconhece modos de expressar-se, de diversão (as leituras coletivas de

---

<sup>11</sup> RIBEIRO, Pedro Mendes. op. cit.

<sup>12</sup> É vasto o número de pesquisas de tradições nordestinas em que se observa a influência cristã sobre festas, ritos e modos de fazer, uma herança da colonização europeia. Algumas destas tradições de influência cristã no Piauí estão no livro *Celebrações*. Cf.: PINHEIRO, Áurea P. *Celebrações – Celebrations*. Teresina: educar:artes e ofícios, 2009.

<sup>13</sup> HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. In: *Varia História*, Belo Horizonte: 2006. vol. 22, n. 36, p. 261-273.

folhetos, referidas pelos entrevistados) e de saber-se, sertanejo, nordestino, brasileiro. O que permite pensarmos o cordel enquanto patrimônio cultural imaterial, por tratar-se de um ofício repleto de elementos simbólicos, com formas, imagens e sons que remetem diretamente a esta identidade.

Não se pode desconsiderar que se há um mesmo regime de historicidade – ou seja, uma mesma maneira de perceber o tempo – predominante numa sociedade como a brasileira, as identidades não são homogêneas. Assim como nem todo brasileiro identifica-se com o carnaval, por exemplo, nem todo nordestino entende a literatura de cordel como uma tradição que faz parte da sua vida. Entretanto, uma tradição só é compreendida como tal quando consegue atingir a memória coletiva de uma grande parcela da sociedade. Por esse motivo, a literatura de cordel, ao reinventar-se, encontra maneiras de fazer-se presente no cotidiano dos indivíduos, adequando os seus temas e linguagens aos interesses de um novo público leitor.

Para atingir o seu objetivo, os poetas – conhecidos por sua ágil criatividade – desenvolveram maneiras variadas de produção, recepção e circulação de sua arte. Existe no Brasil uma Academia Brasileira de Literatura de Cordel, que além de reunir cordelistas das mais variadas vertentes e origens, conta com um sítio na rede mundial de computadores<sup>14</sup>, o que facilita o acesso deste tipo de literatura ao público jovem médio. No sítio da ABLC, estão disponíveis além de diversos cordéis, espaços dedicados à história da Literatura de Cordel, uma grande quantidade de capas de folhetos, um blog com notícias relacionadas à Academia ou à Literatura de Cordel, uma sessão de xilogravuras com perfis dos autores, uma loja virtual que disponibiliza para a venda os folhetos em caixas (a maioria contendo 20 folhetos diferentes), uma área para contato, além de ferramentas que ensinam a escrever cordéis (por exemplo, as diferentes métricas utilizadas pelos poetas) e a divulgação de livros sobre a temática.

Se desde suas origens no sertão predominantemente rural, a poesia de cordel conseguia atingir diferentes camadas sociais, como vimos em Abreu<sup>15</sup>, na atualidade não é diferente. A plástica do cordel permite que essa literatura seja apreciada tanto pelo analfabeto – ou por uma parcela da população que apesar de alfabetizada não cultiva o

---

<sup>14</sup> Cf. < <http://www.ablc.com.br/>> Último acesso em 20/11/2010.

<sup>15</sup> ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

hábito da leitura, mas que é tocada pela manifestação oral do cordel – quanto pela elite letrada da sociedade, dentro e fora do ambiente acadêmico universitário, seja no universo das letras, seja como objeto de estudo das ciências sociais e humanas.

Além da internet, outras mídias já mais tradicionais, como o rádio e a televisão são campos onde a literatura de cordel aprendeu a manter o seu espaço. O poeta Pedro Mendes Ribeiro, apresenta um programa semanal de televisão, o “Repente na TV” no ar desde 27 de janeiro de 2008, exibido nas manhãs de domingo, é totalmente dedicado à literatura de cordel, enfatizando a cultura e os artistas locais. Pedro Mendes apresenta ainda “Sertão por dentro e fora” um programa de rádio que leva ao ouvinte os repentistas e violeiros tocando as “modas” ao vivo, também aos domingos.

As impressões baratas e simples de folhetos tem ainda grande circulação seja em feiras, seja em bancas de revistas ou em pequenos pontos comerciais. A diversão barata e acessível permite que uma camada da população que não consome outros gêneros de literatura tenha acesso à literatura de cordel, como destaca Pedro Costa:

Eu devo dizer que a literatura de cordel, a literatura que tem mercado e que os autores acreditam, enquanto os acadêmicos ainda vivem, não acreditam no que fazem. Porque desde que você não tem condições, não acredita de bancar um trabalho seu, para levar ao público é porque você não acredita no potencial que tem. Então, a literatura de cordel, ela é resistente, ela predominou, tem raízes fortes. É [...] não é uma coisa de museu, não é uma coisa do folclore. Por que que não é folclore? Porque folclore é aquilo que barra no tempo, que se repete<sup>16</sup>.

A compreensão do poeta de que sua arte não é folclórica, no sentido de estar congelada, imutável, revela a intencionalidade e a medida consciente que os cordelistas tem imposto ao seu ofício nos últimos anos.

A escolha de Pedro Mendes Ribeiro e Pedro Nonato da Costa como construtores de um discurso sobre a reinvenção da literatura de cordel não é inocente. Trata-se de duas referências sobre o assunto no Piauí, local onde se desenvolveu a pesquisa. Tanto como artista quanto como teóricos da literatura de cordel, por assim dizer. Os dois protagonizam uma disputa produtiva na área. Enquanto Pedro Mendes Ribeiro, por acreditar na ligação intrínseca da literatura de cordel com as cantorias, organiza o Festival de Violeiros, evento que reúne grandes repentistas de todo o país, e publica livros que explicam e distinguem metodologicamente diversos gêneros de cantorias, e

---

<sup>16</sup> COSTA, Pedro Nonato. op. cit.

escreve, ainda, folhetos tradicionais de cordel; Pedro Nonato da Costa defende a produção do cordel como literatura, em essência. Pedro Costa é editor da revista *De Repente*, que abre espaço em suas páginas para outros gêneros literários, além disso, o poeta publica seus folhetos e os vende em pequenas caixas com uma variedade de diferentes folhetos, defendendo assim que os folhetos adquiram corpo e possam ser comercializados a um preço parecido com o dos livros convencionais nas livrarias.

Por representarem dois extremos da produção piauiense, Pedro Mendes e Pedro Costa são indicadores do que há de comum entendimento aos poetas cordelistas contemporâneos.

### **- A revista *De Repente* e a reinvenção da literatura de cordel**

Criada no ano de 1994, a revista *De Repente*, mensal desde 2008, é uma grande expressão da reinvenção da Literatura de Cordel a que nos referimos. O periódico é produzido pela Fundação Nordestina do Cordel – FUNCOR, dirigida pelo poeta cordelista e repentista Pedro Nonato da Costa. O tempo histórico para o qual se volta este trabalho, não por acaso, coincide com o período de existência da revista. Para tratar da Literatura de Cordel enquanto uma tradição reinventada, escolhemos as décadas de 1990 e 2000, por se tratar do período em que novidades como a internet, um dos atuais grandes meios de circulação do Cordel, popularizou-se no Brasil, permitindo uma maior integração de poetas em diferentes espaços. Foi também nessas décadas que a revista *De Repente* foi criada e passou a ganhar espaço e respaldo entre poetas e admiradores do cordel de todo o Brasil.

Nos limites deste artigo, analisaremos três exemplares da revista, tomando-os como ponto de partida para a compreensão de novas formas de escrever, ler e fazer circular a literatura de cordel. Escolhemos três edições do ano de 2008, por se tratar justamente do momento em que a *De Repente* torna-se mensal, segundo o seu editor-chefe, Pedro Costa, para atender à demanda dos seus assinantes. Vejamos o editorial da edição de março de 2008:

Prezado leitor.

A Revista **DE REPENTE**, no curso de seus 14 anos de existência, caminha para a sua adolescência, e a diretoria da **FUNCOR**, atendendo às reivindicações de seus assinantes, resolveu acelerar o processo de publicação e determinou que a periodicidade da revista passa a ser mensal a partir de março de 2008. Vamos alimentar mais as fontes de pesquisas da **LITERATURA DE CORDEL**, de uma vez que nossa matéria prima é inesgotável. A **LITERATURA DE CORDEL** já foi considerada pelos arcaicos da literatura brasileira, como literatura de tão pouco ou nenhum valor. [grifos do autor]

Ela resistiu ao tempo  
E hoje a Literatura  
De Cordel é respeitada  
Embora sem cobertura  
Fez história ganhou fama  
E cresceu como cultura.

Neste País de etiqueta  
De hipocrisia cruel  
A inteligência é julgada  
De uma maneira infiel  
Não vale o que você sabe  
E sim o que está no papel

O Brasil de bacharel  
De pouco conhecimento  
Diploma e certificado  
Vale como documento  
Onde o dinheiro e poder  
Superam quem tem talento.<sup>17</sup>

A preocupação do editor da *De Repente* em produzir fontes de pesquisa para a Literatura de Cordel evidencia a consciência por parte do poeta da grande atenção que este tipo de literatura vem despertando aos pesquisadores em todo o mundo. Pedro Costa atribui essa característica documental da revista à escolha dos temas, como destaca na entrevista que nos concedeu:

pra nós não interessa fato nenhum de notícias, a não ser se for abordado em cordel, aí podemos, aquilo que já passou, não que vai acontecer, ela não aborda temas que vai é... que ainda vão acontecer. A revista é permanente, ela hoje é uma revista que os colecionadores estão colecionando sabendo de uma coisa, ela tem uma qualidade e um nível que pode ser guardado, não é descartável, como as outras revistas<sup>18</sup>.

<sup>17</sup> DE REPENTE. Revista de divulgação cultural da Fundação Nordestina do Cordel – FUNCOR. TERESINA: FUNCOR. Mensal, n. 62, março de 2008. p. 01.

<sup>18</sup> COSTA, Pedro Nonato. op. cit.

Intencionalmente a revista documenta o estado da arte da literatura de cordel. Pedro Costa produz um periódico que além de entreter o leitor, tem o objetivo de registrar e de salvaguardar a Literatura de Cordel. Seguindo o editorial, o poeta anuncia e denuncia em versos a recente valorização do Cordel que “embora sem cobertura [...] cresceu como cultura<sup>19</sup>”. Pedro Costa ainda dedica alguns versos à crítica da valorização da sociedade brasileira pelos títulos e diplomas em detrimento do conhecimento e do talento. O poema é um manifesto. Publicados na primeira edição mensal da revista, os versos expressam as conquistas e as dificuldades da Literatura de Cordel na contemporaneidade.

As três edições analisadas – a saber, números 62, 65 e 67 – apresentam a seguinte configuração, mantida até o presente: cinquenta por cento do conteúdo da revista é composto por cordéis, os outros cinquenta, textos de variada natureza.

Dessa maneira, Pedro Costa pretende ampliar o interesse do público pela revista e por tanto, para o próprio cordel.

[...] ela mantém a temática e abre espaço para outras literaturas, a poesia sem rima, que chamada poesia branca, que outros chamam de poesia moderna, é... sonetos, crônicas, contos históricos, é... às vezes tem temas... a pessoa quer prestar homenagem à alguém, tem o espaço, nós temos hoje até pastores escrevem pra revista, padres escrevem pra revista. Agora, as pessoas, às vezes perguntam por que que pastor mantém aquela página na De Repente. Como é que eu ia ser lido, a revista seria lida pelo evangélico? Precisava ter um tripé de interesse, então a revista passou a ser lida pelos pastores, pelos evangélicos, porque tem um pastor lá. Aí o cara vai ler a página do pastor, mas termina lendo as outras<sup>20</sup>.

O poeta vê com clareza as alternativas que utiliza para ampliar o público leitor de sua revista e, portanto, do Cordel. Diversificar os temas, as linguagens e até os autores são alternativas válidas. Quanto aos temas, a única restrição é quanto à propaganda política e o caráter noticioso, o que segundo Pedro Costa, desvalorizaria a revista por torná-la descartável com o tempo. Quanto às linguagens, utiliza-se desde a língua culta até a mais próxima da fala, além de uma ampla variedade de gêneros de poesia e prosa. Além disso, escrevem para a revista poetas cordelistas de profissão, poetas amadores, médicos, professores, críticos literários e gramaticais, entre muitos outros colaboradores

---

<sup>19</sup> Ibidem

<sup>20</sup> Ibidem

de diversas partes do país. A produção não se restringe ao Piauí nem ao nordeste, assim como a circulação e a recepção também não.

A primeira seção da revista é chamada de “Estrofes de Ouro”, escrita por Luís Carlos, declamador de poemas caboclos, pesquisador da cultura popular e diagramador da revista. Nessa seção se apresentam e se comenta estrofes de vários cantadores sobre variados contexto e temas. Nas páginas seguintes, a publicação de poemas na íntegra de um número também variado de autores e temas.

Há ainda entrevistas temáticas com poetas, poemas em geral, contos, crônicas, artigos de opinião e uma seção de “histórias de trancoso” escrita pelo próprio Pedro Costa, onde se revisitam histórias conhecidas da tradição oral sertaneja.

Finalizamos este artigo com a declaração de Pedro Costa sobre a relação entre modernidade e a Literatura de Cordel:

Só ajuda. Hoje é muito fácil você saber quem é Pedro Costa, saber quem é J. Borges. Sem a modernidade a gente jamais ia conseguir. Já pensou? Daqui que você chegasse... é seu nome nos Estado Unidos, na França, você morando em Teresina? Então a modernidade só tem ajudado. Agora, há quem diga, que tem medo de enfrentar a realidade... como também não atrapalha quanto mais poetas, melhor... quanto mais tiver pessoas fazendo é... inclusive tudo precisa ter a... até a energia pra funcionar precisa ter a corrente positiva e a negativa. E as pessoas discordam, muitas vezes, quando você acha, quando você discorda de outro segmento, acha que você tem que tá unido. Não deve, não deve, você tem... porque se você ficar sempre concordando com o sistema que já está ali, você não vai render e as pessoas é quem toma prejuízo, a cultura é que fica tomando prejuízo<sup>21</sup>.

Das declarações de Pedro Mendes e Pedro Costa, do extenso volume de produção que observamos no dia-a-dia, da repercussão do tema na academia e em diversos segmentos da sociedade, talvez não seja possível concluir se houve ou não uma morte da Literatura de Cordel, tão pouco se esta foi causada pela modernidade, mas nos resta uma certeza: Se a poesia esteve morta, está agora renascida.

A Literatura de Cordel é um elemento essencial da vasta gama do patrimônio cultural brasileiro. Se a cultura brasileira, é, como sabemos, o resultado de uma mistura rica de elementos, também o cordel, com suas origens europeias, com as características adquiridas numa tradição oral, e finalmente, com a reinvenção ocorrida nos últimos

---

<sup>21</sup> Ibidem

anos, configura-se num legado cultural praticado e consumido intensamente na contemporaneidade.

### **Referências Bibliográficas:**

ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. A Invenção do Nordeste e Outras Artes. São Paulo: Cortez Editora, 1999.

BARBOSA, Adréa; CUNHA, Edgar Teodoro da. Antropologia e imagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BATISTA, Sebastião Nunes. Antologia da literatura de cordel. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1977.

\_\_\_\_\_. Poética popular do Nordeste. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

BOURDIEU, Pierre; \_\_\_\_\_, Marie Claire. O camponês e a fotografia. In: Ver. Sociol. Polít. Curitiba: 2006. n. 26, p. 31-39.

BURKE, Peter – Hibridismo Cultural. São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 2003.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

CURRAN, Mark. História do Brasil em cordel. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p.183.

DUBY, Georges. A história continua. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Edtores, 1978.

GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. In: Varia História, Belo Horizonte: 2006. vol. 22, n. 36, p. 261-273.

HOBBSAWN, Eric J. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LUYTEN, Joseph Maria. O que é literatura de cordel. São Paulo: Brasiliense. 2005, p. 46

LIMA, Ariane dos Santos. Por entre rezas, procissões e enterros: o universo sociocultural das Irmandades Católicas no Piauí [1835-1875]. 2010. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(graduação) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

MORAIS, Marluce Lima de. Emoção, lamentos e fé: a religiosidade popular piauiense através das incêndias. 2010. 140 f. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Centro de Ciências Humanas e Letras. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

PINHEIRO, Áurea Paz. Passos de Oeiras. Documentário Etnográfico. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro/Minc/IPHAN/Petrobrás, 2008.

\_\_\_\_\_; MOURA, Cássia. Celebrações. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009. Livro produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

\_\_\_\_\_; MOURA, Cássia. Congos: ritmo e devoção. Documentário Etnográfico. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009. Produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

\_\_\_\_\_. Senhores de seu ofício: Arte Santeira do Piauí. Teresina: Superintendência do IPHAN no Piauí, 2009.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: 1992. vol.5, n.10, p.200-212.

\_\_\_\_\_. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: 1989. vol. 2, n. 3, p. 3-15.

PROENÇA, Manoel Cavalcante. Literatura popular em verso: antologia. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Questões de Fronteira: Sobre uma antropologia da história. In: Novos Estudos, São Paulo: 2005. n: 72, p. 119-135.

SILVA, Maria do Rosário da. Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). – Universidade Federal do Piauí. CCHL. História. 2008.

SUASSUNA, Ariano. Nota sobre a poesia popular nordestina. In: DECA (Revista do Departamento de Extensão Cultural e Artística da Secretaria de Estado dos Negócios de Educação e Cultura), Recife ano IV, n. 5, 1962, p. 13.